

“BOYS DON’T CRY”: UMA ANÁLISE DA (DES)CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NO MOVIMENTO SUBCULTURAL EMO

Franco de Moura Monteiro, Ana Luiza; Mestre; Universidade Federal de Juiz de Fora, analuizamonteiro@outlook.com¹

RESUMO

Meninos **não** choram — ou não devem chorar, é o que dizem. Diziam em 1979, quando a música acima foi lançada, e dizem até hoje, quase meio século depois. Em 2006, o apresentador Pedro Bial declarou em uma reportagem do programa Fantástico: “Sabe aquele negócio de que homem não chora? Já está super ultrapassado!” [02:36]². A reportagem em questão, se referia a uma subcultura que tentou resistir e subverter as regras que nossa sociedade patriarcal³ ocidental impõem a respeito do comportamento masculino: o emo. Historicamente, a demonstração de vulnerabilidade masculina sempre foi um assunto delicado, tão frágil quanto o próprio ideal de masculinidade viril construído e performado pela maior parte dos homens — e o emo se prestou a elaborar um movimento juvenil em torno dessa fragilidade, transformando seu comportamento desviante em estética e subvertendo certos paradigmas relativos à expressão masculina.

Portanto, o trabalho a ser apresentado busca discutir os resultados da dissertação de mestrado defendida em março de 2024, que procura desenvolver uma análise em torno de como o emo — enquanto um fenômeno subcultural que ganhou destaque no início dos anos 2000 — contribuiu para uma subversão de termos normativos que ditam o comportamento masculino na sociedade contemporânea ocidental, oferecendo uma possibilidade de expressão tanto emocional quanto visual alternativa ao modelo normativo.

Com foco no contexto brasileiro, propõe-se uma análise discursiva foucaultiana dos discursos construídos por dois dos principais meios de comunicação existentes no país no período de maior evidência do emo, que aqui, engloba os anos entre 2006 e 2013: o primeiro, discutido no primeiro capítulo, é o discurso produzido pelas emissoras de TV aberta Rede Globo, SBT e Rede Bandeirantes, que elaboraram materiais jornalísticos a respeito

¹ Bacharel Interdisciplinar em Artes e Design (2018), Bacharel em Moda (2021) pela Universidade Federal de Juiz de Fora, e Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Artes, Cultura e Linguagens (2024), pela mesma instituição.

² Rede Globo. Reportagem do programa Fantástico: “A vez do emo”. Youtube, 30 de outubro de 2006. 3min42s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A2SgLrUdStg>. Acesso em: 04 de julho de 2023.

³ Sistema social segundo o qual os homens estão no centro, como chefes de família, na vida social e política, na transmissão de valores patrimoniais pelo lado paterno.

do emo durante este período. Este discurso é atravessado por narrativas que desvalorizam o emo enquanto movimento de significância subcultural, os colocando no lugar do “diferente” no imaginário popular brasileiro. O segundo discurso seria o interno, produzido pelos próprios emos a respeito de si, através da internet — que neste momento se difundiu entre os jovens e adolescentes como principal meio de comunicação. Os materiais escolhidos foram três blogs que se mantiveram em atividade durante o período de 2008 e 2013. Funcionando como uma espécie de diário aberto, os blogs eram um espaço virtual onde os emos podiam se expressar de forma menos restrita, onde podiam preservar seu anonimato e compartilhar experiências com seus semelhantes enquanto construía sua identidade em torno destas identificações.

O que transparece destas análises é o quanto o discurso e as definições do que é emo foram primariamente produzidas nos espaços virtuais, e, depois, interpretadas e ressignificadas pelas emissoras de televisão, mas também, a desigualdade entre os discursos do estigmatizado, e daquele que impõe o estigma.

Portanto, a existência de fenômenos como o emo servem para evidenciar a fragilidade das masculinidades historicamente construídas como normativas. Há um histórico de movimentos subculturais juvenis permeados pelo desvio nas representações de gênero e sexualidade, e o emo é um dos que atravessam estes campos e revelam a necessidade de se atentar à necessidade de revisitar as estruturas patriarcais que sustentam nosso sistema social.

Palavras-chave: masculinidade; emo; culturas juvenis; estudos de gênero.

